



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

---

### **HOMILIA**

*Ref. HML\_24/2016*

---

*Homilia na Solenidade  
da Imaculada Conceição*

---

*Braga, Santuário do Sameiro, 08.Dez.2016, 11h*

### **A casa da Humanidade a construir**

Um dos elementos que define a qualidade da vida humana é a casa. Através dela aferimos o índice de qualidade e de conforto que caracterizam a vida de quem nela habita.

Felizmente, nos últimos anos, em Portugal, tem crescido o conforto das casas dos portugueses. Mas, por outro lado, encontramos infelizmente tantas outras sem o mínimo de condições para viver e ainda bairros sociais degradados. Algumas casas – ainda que poucas – sem água, saneamento e luz. Partindo desta realidade, e quando agora olhamos para o mundo à nossa volta, impressiona-nos ainda mais o que acontece nos países em guerra ou com os refugiados, obrigados a viver em tendas e barracas que não garantem condições mínimas, particularmente com o frio e a chuva.

Não podemos aceitar certas situações. Devemos reagir com atenção e intervenção. A dignidade universal é o critério base e indispensável para uma sociedade que se considere evoluída.

Também Maria teve a sua casa. Desde a gruta de Belém até à casa de Éfeso, passando por Nazaré, podemos imaginar a pobreza nas ruas por onde passou Maria. Mas podemos também imaginar a beleza de uma vida sóbria e equilibrada, o convívio supre as dificuldades e o afecto acrescenta qualidade de vida. Este ano quisemos servir-nos da ideia da casa para, em Ano Mariano, descobrir o segredo de uma vida que privilegia a contemplação. Partimos de uma referência bíblica, descrita no evangelho segundo S. João: “A partir daquele momento, João levou Maria para sua casa”.

Tomar Maria, para a levar até às nossas casas, significa uma predisposição da nossa parte para ver a realidade quotidiana e a vida eclesial segundo o seu olhar. É disso exemplo a devoção mariana na piedade popular, os santuários e as peregrinações, as famílias e as paróquias, bem como as periferias humanas. Constituem-se autênticas “casas” de Maria onde, com ela e como ela, contemplamos a fé.

Estes ambientes podem ser, neste sentido, um local e uma oportunidade para não nos determos em gestos exteriores de devocionismos mas sim para promovermos o encontro pessoal com Maria. Deste encontro brotam as condições favoráveis para processos duradouros de mudança. Se desejamos, todavia, que estes ambientes e experiências sejam “casas” para estar com Maria, necessitamos, em primeiro lugar, de transformar a nossa vida pessoal. Refiro-me à disponibilidade interior e à humildade necessária para acolher as suas sugestões e conselhos. Estar com Maria é sinónimo de luz que ilumina o caminho a percorrer quotidianamente.



O meu interior é também casa de Maria: um silêncio para dialogar com ela e, como ela, rever o meu estilo de vida. Silêncio orante e intervenção corajosa são tanto a síntese de uma contemplação activa como a exigência de uma fé madura.

Fazendo esta experiência de trazer Maria até à nossa casa, rejuvenescemos a nossa fé e, à sua imagem, corremos apressadamente ao encontro de quem vive com necessidades. As carências alheias não escolhem dia nem lugar (não obstante ser hoje dia de festa). Não é permitido desculpar-se com afazeres e, particularmente, com as mentalidades que vão estruturando a vida da sociedade. O interior de Maria impele para o exterior e faz com que as nossas vidas fiquem inquietas até que todos tenham a dignidade de filhos de Deus. Deixemo-nos de um cristianismo de orações vazias e ocas e façamos com que a oração nos torne mais solidários com os dramas da humanidade.

Sei que nos falta esta experiência de Deus. Acredito que ela é o alicerce no qual se deve construir a vida cristã. Ouso denunciar muitas formas deturpadas de religião e o recurso a modelos alternativos de espiritualidade. Reconheço a confusão que existe na mente de muitas pessoas que recorrem ao supersticioso e a experiências mascaradas de sinais religiosos. Será que a nossa experiência de Deus não é o suficiente? Em quem colocamos a nossa confiança? Maria é Imaculada Conceição, como veneramos aqui no Monte Sameiro, pois foi agraciada por Deus e para Ele viveu inteiramente. Nós, pelo contrário, temos o interior vazio e, por causa disso, somos incapazes de contar apenas com as maravilhas de Deus. Permitamos, por isso, que a casa da nossa vida seja ocupada por Maria. Criemos condições para dialogar serenamente com ela. Não olhemos ao tempo. Pode até ser pouco, mas que seja um tempo de qualidade. Veremos então como o “Poderoso faz em nós maravilhas”.

Estamos em pleno Advento e o Natal aproxima-se. Também estas datas podem ser vividas com intensidade, ou seja, como dias especiais na normalidade dos dias que se sucedem. Com Maria e como Maria teremos de acreditar na força das nossas convicções e na necessidade das nossas intervenções. Somos agentes de um mundo novo que, nascendo do interior, se constrói com a responsabilidade de todos.

Necessitamos ainda de maior intervenção a nível eclesial e civil, local e nacional. Não podemos ficar por reações palavrosas entre amigos. Só uma proactividade interventiva pode construir um mundo diferente. Maria é a aurora de uma sociedade mais justa, fraterna, igual, sem mentira, construída sobre a verdade e não sobre critérios de corrupção e de vantagens para poucos em detrimento da maioria. Saibamos ser incómodos, se for o caso, e sempre caritativos, envolvendo-nos nos problemas da sociedade.

Acolhamos a ideia da “casa” para levar Maria a agir em determinadas situações e lugares. Que este Natal nos faça ver a realidade da habitação de muitos dos nossos irmãos. Se quisermos olhar e ver, talvez encontremos algumas surpresas. Olhemos para as pessoas sozinhas à mercê de perigos que poderiam ser evitados. Maria far-nos-á compreender que muito mais teremos de fazer.

Que Maria encha de bens os famintos e nos dê forças para trabalharmos mais por Deus e pela casa da Humanidade.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*